

A TRIANGULAÇÃO DE INSTRUMENTOS EM PESQUISA QUALITATIVA SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL

Carine Oliveira Aragão Silva¹
Carmem Virgínia Moraes da Silva²

RESUMO: Este estudo faz parte do projeto de pesquisa "Vivências de famílias de adolescentes vítimas de violência sexual: um estudo em um CREAS de um município baiano", realizado no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA - IMS/CAT). A pesquisa tem como objetivo analisar as vivências e os desafios enfrentados por famílias diante da violência sexual sofrida por seus filhos adolescentes. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa emprega entrevistas narrativas, genogramas e ecomapas como ferramentas de construção de dados. Esses métodos permitem uma exploração aprofundada da dinâmica familiar, das demandas psicossociais e dos caminhos por meio da rede de cuidados. O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar tais instrumentos atualmente utilizados na referida pesquisa.

Palavras-chave: Violência Sexual contra Adolescentes; Enfrentamento Familiar; Entrevista Narrativa; Genograma; Ecomapa

ABSTRACT: This study is part of the research project "Experiences of families of adolescent victims of sexual violence: a study in a CREAS in a municipality in Bahia", carried out within the scope of the Professional Master's Program in Health Psychology of the Federal University of Bahia (UFBA - IMS/CAT). The research aims to analyze the experiences and challenges faced by families in the face of sexual violence suffered by their adolescent children. Using a qualitative approach, the research employs narrative interviews, genograms and ecomaps as data construction tools. These methods allow an in-depth exploration of family dynamics, psychosocial demands and pathways through the care network. The objective of this work, therefore, is to present such instruments currently used in the aforementioned research.

Keywords: Sexual Violence against Adolescents; Family Coping; Narrative Interview; Genogram; Ecomap

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte do projeto de pesquisa em andamento que tem como objetivo analisar as vivências e os desafios enfrentados pelas famílias no contexto de violência sexual sofrida por filhos adolescentes. A violência sexual contra crianças e adolescentes é reconhecida em todo o mundo como grave violação de direitos humanos e questão de saúde pública, apresentando natureza multifacetada. Embora meninas e meninos estejam vulneráveis à violência sexual em qualquer idade, meninas se tornam mais suscetíveis após a puberdade.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: carinearagao.psi@gmail.com

² Pós-Doutora em Psicologia (USP), Professora Titular (UESB), Professora Permanente Externa do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde (UFBA). E-mail: carmem.virginia@uesb.edu.br

No Brasil, entre 2012 e 2018, foram notificados quase 59 mil casos de violência sexual contra meninas de 10 a 14 anos (Taquette *et al.*, 2021).

A vulnerabilidade e dependência, típicas desse período de desenvolvimento, elevam o risco de vitimização e traz consequências diversas que podem ser associadas a problemas de saúde mental e comportamento durante a adolescência e fase adulta (Albuquerque *et al.*, 2021). Destacam-se ainda os impactos à família da vítima, que podem exigir alterações em toda a dinâmica familiar e/ou gerar consequências para a saúde mental dos seus membros, especialmente mães, que muitas vezes revivem traumas pessoais (Langevin *et al.*, 2022).

Marra e Costa (2018) referem que a família percebe a revelação de uma violência sexual contra suas crianças ou adolescentes como uma ameaça, o que pode provocar reações paradoxais, ora de proteção ora de imobilidade. Somam-se sentimentos de medo e ansiedade, sensação de impunidade e isolamento diante as alterações mobilizadas no sistema familiar. Não obstante, Santos *et al.* (2012) concluem que as relações familiares podem desempenhar um papel crucial na capacidade de adaptação, bem-estar e qualidade de vida das vítimas. Quanto maior o grau de suporte e a credibilidade oferecidos pela família, juntamente com um funcionamento familiar que envolva afetividade, coesão e expressividade, menores parecem ser as consequências negativas decorrentes do evento traumático.

Contudo, as respostas das famílias se relacionam diretamente aos fatores transgeracionais, as relações intra e extrafamiliares, rede de apoio, aspectos culturais, econômicos, políticos, sociais, bem como as histórias de cada família (BRASIL, 2020). Deste modo, ao pesquisar o fenômeno da violência contra adolescentes, é essencial que se observe como se dão as relações familiares e as reverberações após a revelação da violência, considerando o ajustamento e adaptações exigidos, bem como a influência que a dinâmica familiar existente opera no enfrentamento da situação.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar os instrumentos de construção de dados atualmente utilizados na pesquisa referida, visando alcançar os objetivos propostos de compreender as demandas de assistência psicossocial das famílias diante da violência sexual sofrida por filhos adolescentes, além de conhecer suas dinâmicas familiares nessas circunstâncias e mapear o percurso dessas famílias na rede de cuidados.

METODOLOGIA

A pesquisa em contextos de violência sexual requer métodos que permitam uma construção de dados aprofundados, sensíveis e que respeitem as particularidades das vivências familiares. Nessa perspectiva, as estratégias empregadas neste estudo – entrevista narrativa,

genograma e ecomapa – apresentam-se como abordagens complementares que potencializam a compreensão das experiências familiares, suas dinâmicas e redes de apoio formais e informais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista narrativa possibilita aos participantes da pesquisa a lembrança da situação vivenciada e o relato espontâneo da sua experiência pessoal em sequência e com uso de linguagem própria, preservando assim, as perspectivas particulares de forma autêntica e detalhada com enfoque nos acontecimentos e ações. Possui estrutura semi-autônoma que é eliciada através de provocações específicas e se processa por meio de quatro fases: (1) iniciação: envolve esclarecimentos sobre o procedimento e fases da entrevista, bem como formula o tópico central da entrevista a fim de eliciar a narração; (2) narração central: envolve escuta ativa, sem comentários ou interrupções, apenas encorajamentos para que se mantenha a narração; (3) fase de perguntas: quando a narração chega a um fim natural, a escuta atenta do entrevistador produz questões exmanentes traduzidas pelas questões imanentes do informante, com o intuito de complementar possíveis lacunas da história; e (4) fala conclusiva: após o encerramento e desligamento do gravador, uma conversa informal pode ser conduzida a fim de fechar a entrevista. Algumas falas e observações podem contribuir para a interpretação dos dados e devem ser posteriormente registradas (Bauer e Jovchelovitch, 2008).

O Genograma (Figura 1) e o Ecomapa (Figura 2) referem-se a instrumentos de avaliação familiar que visam delinear estruturas internas e externas da família, ampliando a compreensão acerca das relações afetivas, bem como as interferências culturais e geracionais desta em seu modo de vida, saúde e cuidado.

Figura 1: Símbolos do genograma.

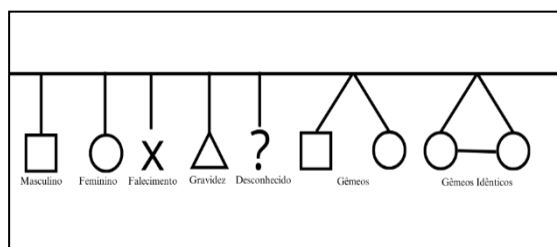
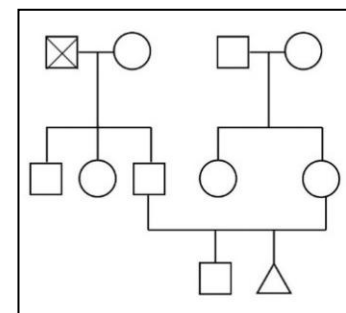


Figura 2: Representação simplificada de um genograma familiar.



O genograma se configura como um desenho desenvolvido pela disposição organizada de elementos gráficos padronizados por simbologia universal que possibilitam ao investigador vislumbrar informações úteis e aspectos potencialmente delicados do arranjo familiar (Mc Goldrick e Gerson, 2001; Silva *et al.*, 2012).

Complementarmente, o ecomapa facilita a análise das conexões internas e externas da família. Trata-se de uma representação gráfica dos vínculos que cada integrante da família possui com os outros membros internos e com grupos ou instituições externas à família, como equipe da Estratégia de Saúde da Família, igreja, amigos/vizinhos, entre outros. São traçadas linhas que revelam a intensidade do vínculo entre estes. Esta intensidade é medida pelo estilo da linha que segue o proposto pela Psicofigura de Mitchell (Figura 3), cuja simbologia envolve: vínculos fortes, moderados, superficiais, negativos, fundidos ou conflituais e de desavenças ou rompimento (Silva *et al.*, 2012).

Figura 3: Psicofigura de Mitchell.



Esses instrumentos, ao serem combinados, possibilitam uma abordagem holística e interdisciplinar, eficaz para abordar fenômenos tão complexos quanto as vivências familiares em situações de violência contra crianças e adolescentes. Sua utilização não apenas amplia o alcance dos dados coletados, mas também contribui para uma análise mais rica e significativa, respeitando as particularidades e demandas das famílias envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, os instrumentos aqui apresentados mostram-se relevantes para o alcance dos objetivos propostos pela pesquisa, uma vez que contribuem para a compreensão da complexidade das vivências familiares diante da violência sexual sofrida por adolescentes, evidenciando a necessidade de um olhar integral para além da vítima direta. O estudo reforça a relevância das dinâmicas familiares e das redes de suporte no processo de enfrentamento e ressignificação dessas experiências, apontando para a importância de intervenções psicossociais que considerem tanto as singularidades de cada família quanto os fatores culturais, econômicos e sociais que atravessam essas narrativas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. A.; SILVA, M. M. O.; MAGALHÃES, B. C.; COSTA, J. R. da. Violência contra adolescentes: fatores associados, manifestações e enfrentamento. *Revista Saúde.com*, v. 17, n. 3, 2021.

BAUER, M. W.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. Cap. 4, p. 90-113.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial de Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social *Parâmetros de atuação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência*. Brasília - DF, 2020. Cartilha.

LANGEVIN, R.; HÉBERT, M.; KERN, A. Maternal history of child sexual abuse and maladaptive outcomes in sexually abused children: the role of maternal mental health. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 37, n. 15-16, p. NP14485-NP14506, 2022.

MACEDO, D. M.; FOSCHIERA, L. N.; BORDINI, T. C. P. M.; HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. H. Revisão sistemática de estudos sobre registros de violência contra crianças e adolescentes no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 2, p. 487-496, 2019.

MARRA, M. M.; COSTA, L. F. Entre a revelação e o atendimento: família e abuso sexual. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 36, n. 3, p. 459-475, 2018.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R. Genetogramas e o ciclo da vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. Cap. 8, p. 143-165.

OLIVEIRA, D. D. L. *A violência negligenciada: significados sobre "denúncia" das mães de vítimas de abusos sexuais intrafamiliares*. 2021. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.

SANTOS, S. S., PELISOLI, C.; DELL'AGLIO, D. D. (2012) Desvendando segredos: padrões e dinâmicas familiares no abuso sexual infantil. In: L. F. Habigzang; S. H. Koller (Orgs.), *Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática*. Artmed, 2012.

SILVA, L. W. S., NUNES, E. C. D. A., REIS, H. F. T., LINHARES, E. F.; VALENÇA, T. D. C. O pensamento sistêmico como caminho para a investigação a família: metodologias, experiências e perspectivas. In: SILVA, L. W. S. (Org.). *Família em contexto: multiversas abordagens em investigação qualitativa*. Salvador: Arcádia, 2012. Cap. 1. p. 13-50.

TAQUETTE, S. R., MONTEIRO, D. L. M., RODRIGUES, N. C. P., RAMOS, J. A. S. A invisibilidade da magnitude do estupro de meninas no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, n. 103, p.1-9, 2021.